

DISPOSITIVOS DE PODER E CONTROLE NO DESLOCAMENTO DAS AULAS PRESENCIAIS DE DANÇA PARA O ENSINO REMOTO NO ENSINO FORMAL

Resumo

O artigo é uma reflexão sobre os dispositivos de poder nas relações de ensino aprendizagem em dança a partir do deslocamento das aulas presenciais para as aulas remotas, no contexto da pandemia da SARS-CoV-2 (covid-19), em 2020 e 2021, e as possíveis implicações no corpo de estudantes do ensino formal. A fundamentação teórica apresenta alguns conceitos sobre dispositivos de poder (FOUCAULT, 2003; 2014) e sujeição dos corpos em articulação com a teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2005) e as relações entre tecnologia e cognição para compreender uma possível diminuição da movimentação dos estudantes no período pandêmico. A observação das possíveis transformações deu-se através da análise dos resultados obtidos da aplicação de questionário a professores da rede privada de ensino de turmas do 6º aos 9º anos, do ensino fundamental II, da rede privada do Paraná.

Palavras-chave: ensino em dança; dispositivos de controle; ensino remoto; movimento corporal; cognição.

POWER AND CONTROL DEVICES IN MOVEMENT OF PRESENTIAL CLASSES OF DANCE FOR REMOTE TEACHING IN FORMAL EDUCATION

Abstract

The article is a reflection on the devices of power in teaching-learning relationships in dance from the shift from face-to-face classes to remote classes, in the context of the SARS-CoV-2 (covid-19) pandemic, in 2020 and 2021, and the possible implications for the formal education student body. The theoretical foundation presents some concepts about power devices (FOUCAULT, 2003; 2014) and subjection of bodies in conjunction with Corpomídia theory (KATZ; GREINER, 2005) and the relationship between technology and cognition to understand a possible decrease in student movement during the pandemic

Larissa Lorena de Oliveira

Mestra em Artes (PPGARTES-UNESPAR/2021); licenciada em arte (UNICENTRO/2018); atua como professora da rede privada e residente em Gestão Cultural (RESTEC-UNESPAR) na SETI- PR. E-mail: larissaalorenaoliveira@gmail.com.

Elke Siedler

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP); Professora colaboradora do Bacharelado em Dança/UNESPAR. E-mail: elkesiedler@gmail.com.

Marila Annibelli Vellozo

Doutora em Artes Cênicas (UFBA/2011); Professora Associada do PPGARTES e Líder do Grupo de Pesquisa em Dança/UNESPAR. Autora do Livro *A dança na política nacional das artes* (2022). E-mail: marila.vellozo@ies.unespar.edu.br.

period. The observation of possible transformations took place through the analysis of the results obtained from the application of a questionnaire to teachers of the private teaching network of classes from the 6th to the 9th grades, of Elementary School II, of the private network of Paraná.

Keywords: teaching in dance; control devices; remote teaching; body movement; cognition.

O artigo debruça-se sobre a questão da transformação da mobilidade dos estudantes no ambiente escolar, mais especificamente nas aulas de dança, na disciplina de arte, em treze colégios da rede privada do estado do Paraná. Entendemos que ocorreu uma alteração nos modos de movimentação do estudante, principalmente com o deslocamento das aulas presenciais para as aulas remotas, com a crise sanitária da covid-19; relacionamos essa transformação com a atuação dos dispositivos de poder e controle no ambiente escolar¹.

A análise da movimentação corporal no ambiente da sala de aula já foi assunto de muitas pesquisas, como os estudos de Marques (2007) sobre as práticas de dança na escola. A disciplina de arte, quando abordada em ambiente escolar, permite experimentar possibilidades de movimentação corporal em técnicas de dança ou mover o corpo por outros parâmetros que extrapolam delimitações de métodos específicos, além da criação desenvolvida por estudantes em diferentes tipos de produção artística no estudo da movimentação. Interpretamos que a relação do corpo com o contexto afeta a produção de movimentação desenvolvida nas salas de aula presenciais e nos ambientes remotos. De todo modo, cabe ponderar que, a sala de aula presencial, por vezes, não estimula a movimentação corporal dos estudantes, quando dispõe as carteiras em fileiras, ou quando associa um bom comportamento à restrição da mobilidade do corpo no espaço, como destaca Strazzacapa:

O movimento corporal sempre funcionou como uma moeda de troca. [...] Constantemente, os alunos indisciplinados (lembrando que muitas vezes o que define uma criança indisciplinada é exatamente o seu excesso de movimento) são impedidos de realizar atividades no pátio, seja através da proibição de usufruir do horário do recreio, seja através do impedimento de participar da aula de educação física, enquanto que aquele que se comporta pode ir ao pátio mais cedo para brincar. Estas atitudes evidenciam que o movimento é sinônimo de prazer e a imobilidade, de desconforto. (STRAZZACAPPA, 2001, p. 70)

¹ O presente artigo apresenta um breve recorte da discussão apresentada na pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, sob orientação da professora doutora Marila Annibelli Vellozo e coorientação da professora doutora Elke Siedler, defendida em agosto de 2022.

Nessa intenção de organizar os corpos dos estudantes em suas relações com o espaço e o movimento, podemos perceber a atuação de alguns dispositivos de controle.

Dispositivos de controle e novas tecnologias

Compreendemos o conceito de dispositivos de controle a partir dos estudos de Foucault (2003) e atualizados por autores contemporâneos, como Agamben (2009), assim, compreende-se como dispositivo um conjunto heterogêneo de elementos, saberes, poderes, coisas ditas e não ditas, inscritos em jogos de poder, os quais são chamados por Foucault como governamentalidades (AGAMBEN, 2009, p. 29). Esses jogos de poder, ou governamentalidades, compõem o processo de subjetivação do sujeito, no qual se estrutura o governo dos corpos e de todos saberes e poderes.

Ainda, denomina-se subjetivação, a relação que o sujeito tem consigo e de que forma essa relação vai sendo transformada por discurso verdadeiro. Para o filósofo Michel Foucault, há uma forte relação entre o exercício de poder estabelecido e a obrigação de se dizer a verdade sobre si mesmo, como discorre Meireles (2017). Dessa forma, todas as relações nas quais os jogos de poder, os saberes e discursos se impõem, a noção de si e de verdade sobre si vai sendo construída.

Sob esse entendimento, podemos refletir também sobre a atuação das tecnologias digitais presentes na sociedade contemporânea. Ao relacionar a presença de aparatos digitais com dispositivos de controle, é possível perceber a vigilância dos sistemas presentes em espaços públicos e privados que possibilitam que o cidadão seja vigiado e controlado. Sobre essa relação, destacamos que:

As recentes tecnologias digitais ampliam o controle e a vigilância a patamares inimagináveis. Possibilitam a coleta e o armazenamento de dados e informações que geramos, muitas vezes sem o nosso consentimento. Há um olhar onipresente que dissipa quase que imperceptivelmente o controle social. (SANTOS, 2015, p. 175)

Para além do reforço do controle social, as tecnologias digitais trouxeram outras transformações. No âmbito da aprendizagem, por exemplo, o uso intenso com aparatos digitais possibilitou outros modos de executar ações cotidianas. Com a criação de diversos aplicativos APPs², nossos computadores e celulares carregam na tela, à distância de um clique,

2 Programa informático que visa facilitar a realização de uma tarefa num computador ou num dispositivo móvel. "app", in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/app>.

“resoluções” para as atividades e demandas do dia a dia. A facilidade de buscar respostas, fazer pesquisas, compras ou até mesmo estreitar laços afetivos no ambiente on-line trouxe modificações para nosso modo de viver. Na intensificação dessa relação com os APPs, várias modificações foram absorvidas na dinâmica da vida e do corpo, Katz e Greiner apontam que:

[...] corpo e vida estão ficcionalizados. Foram transformados em aplicativos e, como qualquer aplicativo, passaram a depender de uma administração competente – o que pode ser traduzido como a capacidade de estar sintonizado com os avanços técnicos e os conhecimentos científicos mais adequados. [...] Estamos lidando com a vida e com o corpo como se eles fossem agora “programas aplicados” que podem ser redesenhados. As explicações de “como” reprogramar o corpo variam, por isso vivemos num estado de sempre alerta para não perder qualquer mudança nas instruções: carboidratos não devem ser comidos à noite, a taxa limite do colesterol ruim abaixou, sal não pode ser iodado, é preciso fazer intervalos de alguns segundos entre os exercícios para que eles funcionem como devem etc. [...] (KATZ; GREINER, 2015, p. 240)

Notamos que a lógica para organização dos pensamentos, ideias e relações com o mundo está se alterando na interação com diversos softwares e aparatos digitais. A configuração do software que tem o papel de executar uma ação ou tarefa, como destacam Katz e Greiner (2015, p. 244), é essencialmente de “ação funcionalista de primeiro grau: ele existe para executar a tarefa X”. Ressaltamos, entretanto, que essa lógica funcional tem contaminado nossos comportamentos gradativamente: “vamos passando a nos relacionar com tudo e todos também nesse eixo do ‘as coisas são para uma certa função’”. E lentamente as coisas passam “a ser também as pessoas” (KATZ; GREINER, 2015, p. 244).

Esses padrões de comportamento aprendidos no contexto digital e no qual estamos imersos renovam-se no ambiente escolar. Com o contexto da crise sanitária da covid-19, instaurado a partir de março de 2020, e o deslocamento para aulas remotas, refletimos sobre quais modificações têm sido corporalizadas nos estudantes, mais especificamente nas aulas de arte do ensino fundamental da educação básica, na rede de ensino privada.

Crise sanitária e ambiente de aula remoto

Para discorrer sobre as alterações neste ambiente remoto das aulas, nos aproximamos do entendimento de ambiente de Richard Lewontin (2002), que descreve ambiente como um espaço e interação de um organismo, a partir de determinadas condições que se dão em um fluxo contínuo de possibilidades relacionais. O ambiente é meio para que o corpo possa ampliar sua potência e isso influenciará na forma com que as diferentes espécies se relacionam.

Um ambiente é algo que envolve ou cerca, mas, para que haja envolvimento, é preciso que haja algo no centro para ser envolvido. O ambiente de um organismo é a penumbra de condições externas que para ele são relevantes em face das interações efetivas que mantém com aqueles aspectos do mundo exterior. (LEWONTIN, 2002, p. 54)

Considerando a compreensão de que o ambiente envolve a noção de interação, podemos articulá-lo à possibilidade de novas aprendizagens no momento em que se entrecruzam corpo e novos aparatos digitais. Nesse sentido, aproximamos da teoria Corpomídia de Katz e Greiner (2005) que se desenvolve a partir da ideia de corpo como um sistema que está em constante troca com o ambiente em relação de coalterações.

[...] o corpo comunica a si mesmo e não algo que o atravessa sem modificá-lo [...] também carrega requisitos e limites para se realizar. Todavia, como se trata de um projeto de design em que natureza e cultura não estão separadas, o corpo vive em permanente estado de se fazer presente. E tal condição invalida as tentativas de tratá-lo como objeto pronto, sujeito ou agente de influências. O mais indicado, seria pensá-lo enquanto articulador, propositor e elaborador de informações que o singularizam, pois as trata de modo sempre únicos afinal, cada corpo é um, apesar de todos compartilharem informações com o ambiente. (KATZ, 2004, p. 121-122)

Sob esse entendimento, percebemos transformações no corpo ocorridas no período de deslocamento de aulas de dança presenciais para o ensino remoto, de maneira que algumas questões se tornaram urgentes a se pensar. Como se ajustou a mobilidade dos estudantes nas aulas de dança escolar, pelo e no uso de tecnologias específicas e fundamentais? De que forma as tecnologias digitais e o ambiente remoto podem ou

não contribuir para a regulação de um conjunto de técnicas de controle dos estudantes?

A sala de aula presencial já contava com alguns elementos que atuavam como dispositivos de controle: a disposição das carteiras em fileiras pretendendo organizar os corpos dos estudantes, quanto a sua posição no espaço (mais próximo às cadeiras da frente e próximo à mesa do professor, para se ter mais controle desse corpo, por exemplo). E, de súbito, para muitas escolas, o ambiente remoto on-line reconfigurou a sala de aula, abrindo brechas para a presença de familiares acompanhando as aulas; ou pelo aparato da câmera frontal do computador ou celular, que exigiu a alteração do modo como os estudantes participavam de proposições de atividades, interagindo ou não durante as aulas entre si e com o professor. Ainda, cada aluno necessitou compreender o espaço da casa para além das ações cotidianas que costumeiramente eram efetuadas com os cômodos, ganhando outras funções: o espaço do quarto, sala ou cozinha, se tornou a sala de aula onde se assistia a transmissão das aulas.

Siedler (2016, p. 29) afirma que a interação crescente com os aparelhos digitais vai modificar a relação corpo-ambiente “de modo que certos artefatos digitais on-line passam a fazer parte do aparato mental nos processos cognitivos, sob certas condições.” Conectamos essa afirmação com a discussão da atuação de dispositivos de controle, consideramos que os próprios dispositivos de poder já estão atuando e construindo modos de cognição diferentes. Esses modos diferenciados buscam regular o controle dos corpos e atuam também na forma como produzimos conhecimento, principalmente no ambiente da sala remota, no contexto das aulas de dança no componente curricular de arte.

Metodologia e uma leitura de estudantes pelo olhar e voz dos professores

Neste momento da escrita, optamos por trazer o olhar e a voz de professores acerca do entendimento sobre as transformações de movimentação de seus estudantes no contexto pandêmico. Assim, na metodologia, optou-se pelo método exploratório de aplicação de questionário. Levando em consideração que “o questionário é a forma mais usada para coleta de dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja” (Cervo e Bervian 2002, p. 48), o resultado será obtido a partir do estudo de dados levantados e coletados nas respostas recebidas.

Para a aplicação, optou-se pela produção de um questionário on-line, semiestruturado, composto por perguntas abertas e fechadas, enviado a dezoito professores, integrantes de treze instituições da rede privada do ensino fundamental II. O recorte do questionário ainda priorizou professores que atuaram entre os sextos aos nonos anos, na transição do ensino presencial para o ensino remoto, no isolamento social da crise sanitária, no estado do Paraná. O diálogo com esses docentes através de um questionário buscou investigar se houve a percepção da atuação dos dispositivos de poder e controle nesse ambiente remoto, e também quais foram as mudanças e dificuldades percebidas nesse contexto, na mobilidade corporal de estudantes.

A escolha pela observação do ambiente remoto de escolas privadas se deu pela experiência da própria pesquisadora em questão³ atuando na rede de ensino particular desde 2019. As dezenove perguntas desenvolvidas no questionário foram divididas em seções (Relação com a dança; A transição para docentes e o ensino da dança; Movimento corporal; Dispositivos de poder) e enviadas a uma amostra constituída de dezoito professores do ensino de dança ou de arte do ensino fundamental II dos anos finais – 6º ao 9º ano.

A amostra priorizou docentes de cinco cidades do estado do Paraná, de treze escolas da rede privada: Guarapuava, Ponta Grossa, União da Vitória, Colombo e Curitiba, por serem essas cidades nas quais se conseguiu contato com professores de artes vinculados às séries delimitadas pela pesquisa e que concordaram em participar. Do total da amostra de dezoito professores, dezesseis deles responderam ao questionário semiestruturado, composto por questões abertas, semiabertas e fechadas. O interesse do questionário era coletar dados sobre a percepção dos docentes frente a uma possível mudança na movimentação corporal de seus estudantes nesse período de transição entre os meses de abril e dezembro de 2021, a partir do deslocamento dos dispositivos de poder para a aula remota.

As seções criadas no questionário se relacionavam ao interesse da pesquisa na área de conhecimento da dança, nas aulas de arte, a partir da transição para aulas remotas, na crise sanitária, da perspectiva dos docentes, tanto em relação à organização do espaço quanto às transformações nos movimentos dos estudantes e presença de dispositivos de controle atuantes nesse contexto. Na análise dos dados, foi possível constatar que a apresentação dos assuntos que se relacionavam com a dança se tornou mais desafiadora, isso se deu não apenas pelo fato dos espaços diferenciados que cada estudante dispunha para participar da aula, como também pelo próprio contexto pandêmico. Professores e alunos tiveram de lidar com o medo de um vírus mortal e desconhecido, bem como com a perda

3 Aqui a expressão se refere a uma das autoras: Larissa Lorena de Oliveira, que atua como docente de arte no ensino privado desde 2019.

de entes queridos ao longo dos meses em isolamento, a aquisição de dores corporais devido ao tempo ampliado frente às telas e à falta de preparação para a configuração da aula remota, sem um treinamento prévio.

Para cada realidade, os docentes também constataram diferentes elementos atuando como dispositivos de controle na aula remota: como a câmera, a interferência de familiares durante a aula, gravação de aulas, falta de espaço adequado para aula, entre outros aspectos. E essa interferência desses elementos atuando como dispositivos de poder também modificam a maneira como o estudante vai produzir as experimentações corporais, partindo daquela definição de ambiente que considera não apenas as interações com os corpos e, sim, também, determinadas condições que permitem ou não, possibilidades de interações.

Os entrevistados confirmaram as alterações nas movimentações corporais dos alunos, destacaram também que, salvo raras exceções, os discentes tinham menos espaço físico nos encontros remotos e um estranhamento ao se mostrar no recorte da câmera para o restante dos colegas e professores. A timidez foi um dos aspectos bastante citados pelos professores que relataram uma outra lógica de movimentação definida por essa característica.

De outro modo, evidenciamos a ferramenta do vídeo e os recursos de edição, em que muitos estudantes, que não tinham uma participação efetiva no ensino presencial, acabaram se encorajando a experimentar possibilidades na criação de videodanças. Outros, no entanto, até mesmo os que antes tinham uma participação maior na sala de aula presencial, não se sentiram tão confortáveis em se mover em um espaço menor e restrito, e não abriam a câmera para participar das aulas remotas.

Percebemos também, através da análise dos dados obtidos, que muitos alunos tiveram dificuldades em compreender as alterações de função que acabaram ocorrendo pelo tipo de uso dos espaços, que antes já possuíam uma função específica como “descansar - no quarto” ou “fazer uma refeição - na cozinha” e, necessitavam ser vistos agora como um espaço de ensino-aprendizagem. Sobre essa dimensão de ajuste específica, entre função do espaço e ação do corpo que ocorre ou ocorria antes, se demonstra a relação que se estabelece entre o tipo de interação entre aquele determinado ambiente e espacialidade, é um dispositivo “novo” que se coloca, modificando a dinâmica relacional e, portanto, o jeito de se interagir com. Assim, o espaço se alterou, e a lógica de preparação das aulas na relação com as tecnologias digitais se intensificou. O corpo que é convidado a dançar em sala de aula também se ajustou, o que se entendia e reconhecia dentro dos processos cognitivos sobre o conceito de dança se modificou

para os estudantes, pois a produção desse conhecimento se deu de outras formas na relação com o ambiente remoto e com as tecnologias disponíveis nesse espaço.

Outros pontos a serem destacados são a câmera e o recorte da tela que ela traz, ao se pensar na produção de movimentos a partir de dispositivos digitais, pois os movimentos carregaram a ideia bidimensional de que o quadro da tela configura e ocorreu uma produção de movimentos mais frontais, até por uma ideia preconcebida anteriormente à crise pandêmica, de que se deve manter uma relação frontal entre corpo e câmera, esquecendo-se que se pode estar de lado, de costas, abaixo ou acima de uma câmera.

Os estudantes na configuração remota estão mais suscetíveis à distração, já que ocorre uma mudança rápida no foco de atenção, pois em apenas um clique, os alunos podem abrir várias abas das páginas na internet e estar em uma relação informacional multifocada, não apenas com o que ocorre em sala de aula online proposto pelo professor. A ação multifocada leva a uma distração que modifica a capacidade dos estudantes de estarem atentos e concentrados; bem como alteram a forma de se relacionar com essa quantidade de informação exposta em tela nas várias abas abertas simultaneamente.

Esse outro contexto no qual os estudantes foram inseridos alterou a forma de aprendizagem, bem como os caminhos para se produzir dança, já que dependendo das informações com as quais o corpo se relaciona a cada instante, a habilidade sensório motora desse mesmo corpo se modifica. Dessa maneira, é possível perceber que os movimentos do corpo em interação com as plataformas digitais solicitam outras gestualidades e um outro tipo de relação entre colegas e professor, de maneira que é possível pensar em outras formas de experienciar a sensibilidade artística pelo viés do movimento, dadas as novas circunstâncias e demandas do ambiente.

O artigo em questão discorreu sobre a presença dos dispositivos de poder e controle no ambiente escolar e sua relação com a movimentação dos estudantes, nas aulas de dança, referente aos componentes curriculares de arte no ensino formal. Percebemos que com o deslocamento das aulas para o ambiente remoto, durante a pandemia da covid-19, os dispositivos de poder e controle não deixaram de atuar, renovando-se nesse outro ambiente. Ao entrevistarmos professores da rede privada de cinco cidades do estado do Paraná, que atuaram durante a crise sanitária, eles elencaram a interferência de familiares durante a aula; a presença da câmera, as gravações de aulas; e a falta de espaço adequado como elementos atuantes na transformação da mobilidade dos discentes.

Concebemos que esses elementos destacados pelos professores atuaram como dispositivos de poder e controle na sala remota, reforçando o pensamento de Agamben (2009) sobre os dispositivos corresponderem a um conjunto heterogêneo de elementos, saberes, poderes, coisas ditas e não ditas, inscritos em jogos de poder. A atuação desses elementos como dispositivos de poder modificou a maneira como os estudantes vivenciaram as experimentações corporais e criaram outros tipos de dança. Consideramos, por fim, que as discussões aqui apresentadas se tratam de um recorte e não esgotam o assunto, ao contrário, pretendem estimular novas reflexões, a fim de se compreender cada vez mais as transformações corporais nas relações de ensino aprendizagem, para que se criem novas estratégias na apresentação dos conteúdos de dança no ensino formal.

Referências

- AGAMBEN, G. O que é dispositivo. *In: O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009. p. 27-51.
- APP. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/app>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. *In: Ditos e escritos III - estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 411-422.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, M. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- KATZ, H.; GREINER, C. Por uma teoria do corpo mídia. *In: GREINER, C. (org.). O corpo pistas para estudos indisciplinares*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 125-133.
- KATZ, H.; GREINER, C. (org.). *Arte & cognição*. Corpomida, comunicação, política. São Paulo: Annablume, 2015.
- LEWONTIN, R. C. *A tripla hélice: gene, organismo e ambiente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MARQUES, I. M. M. A. *Dançando na escola*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MEIRELES, T. M. Técnicas de Si e Modo de Vida: Sobre a Noção de Subjectivité no Último Foucault. *In: Enpos XIX Encontro de Pós - Graduação, 2017, Pelotas. Enpos XIX Encontro de Pós - Graduação, 2017.*

SANTOS, M. S. A moderna sociedade de controle. *Ensaio Filosóficos*, v. 12, p. 170-179, 2015.

SIEDLER, E. *Redesenhos políticos do corpo: uma análise de modos de circulação e concepção da dança on e off-line*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2016.

SIEDLER, E.; VELLOZO, M. A.; OLIVEIRA, L. L. Ensino-aprendizagem remoto em dança escolar: processos cognitivos em transformação. *Revista Científica/FAP* (Curitiba. Online), v. 26, p. 274-285, 2022.

STRAZZACAPPA, M. *A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola* Cadernos Cedes, v. 21, n. 53, p. 69-83, abr. 2001.